

Construções históricas da Ilha de Villegagnon

Tenente Ricardo dos Santos Guimarães

Graduado em história pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Atualmente exerce a função de historiador do Departamento de História Marítima e Naval do Serviço de Documentação da Marinha.

RESUMO

O presente trabalho é um convite ao leitor interessado em conhecer um pouco mais sobre a história da pequenina ilha em que, em meados do século XVI, Nicolas Durand de Villegagnon aventurou estabelecer uma colônia francesa. Situada em local estratégico, na entrada da Baía de Guanabara, passou, nesses quatrocentos e cinquenta anos de ocupação, por várias transformações que ocorreram desde a fundação do Forte de Coligny, com a chegada de Villegagnon, em 1555, até a construção das atuais instalações da Escola Naval.

PALAVRAS-CHAVE: VILLEGAGNON, FORTALEZA, CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS

ABSTRACT

The present work is an invitation to the reader interested in knowing a little more about the history of the small island on which, during the sixteenth century, Nicolas Durand de Villegagnon adventured to establish a French colony. Situated in a strategic location, at the entrance to Guanabara Bay, various transformations have taken place during the four hundred and fifty years of occupation since Fort Coligny was established, from the arrival of Villegagnon, in 1555, to the construction of the present-day installations at the Naval School.

KEYWORDS: VILLEGAGNON, FORT, HISTORIC BUILDINGS

“...a mim parece que se não viu outra fortaleza tão forte no mundo.”

Mem de Sá

Em 10 de novembro de 1555, chegou ao Brasil uma expedição comandada pelo francês Nicolas Durand de Villegagnon, Vice-Almirante da Bretanha, tendo como pretensão fundar uma colônia francesa em terras austrais brasileiras pertencentes a Portugal. Fundeou na Baía de Guanabara, chamada pelos franceses de Genève, e resolveu, após dois meses estudando as ilhas e as terras adjacentes com a ajuda dos índios tupinambás, estabelecer-se numa pequena ilha conhecida pelos indígenas com o nome de Seregipe e pelos portugueses, de Palmeiras. A escolha desta ilha pelo Almirante Villegagnon deveu-se por tê-la considerado um excelente sítio militar e que, ao ser fortificada, ofereceria proteção contra qualquer tentativa de ataque dos índios, que facilmente se ofendiam, bem como dos portugueses, que mais cedo ou mais tarde tratariam de incomodá-los. Villegagnon ordenou então a construção de um forte que também contou com o trabalho de braços indígenas. As casas dos colonos foram construídas em torno. O forte foi batizado com o nome de Forte Coligny, em homenagem ao Almirante francês Gaspar de Coligny, futuro líder da reforma protestante da França e que muito ajudou Villegagnon a conseguir do governo de Henrique II auxílio para a realização de sua empresa.

Podemos ter uma idéia da Ilha de Villegagnon durante a invasão francesa, com sua fortificação e suas habitações, em uma gravura, de autoria anônima, intitulada *Rivière de Ganabara*, baseada no desenho do geógrafo e frade capuchinho André Thevet, que veio para o Brasil com Villegagnon e testemunhou por três meses os acontecimentos ocorridos aqui, relatando-os mais tarde em obras de sua autoria, entre elas: *Les Singularitez de la France Antarctique*, publicada em 1557, e *Le Grand Insulaire et Pilotage*, além de outros escritos atualmente guardados na Biblioteca de Paris.

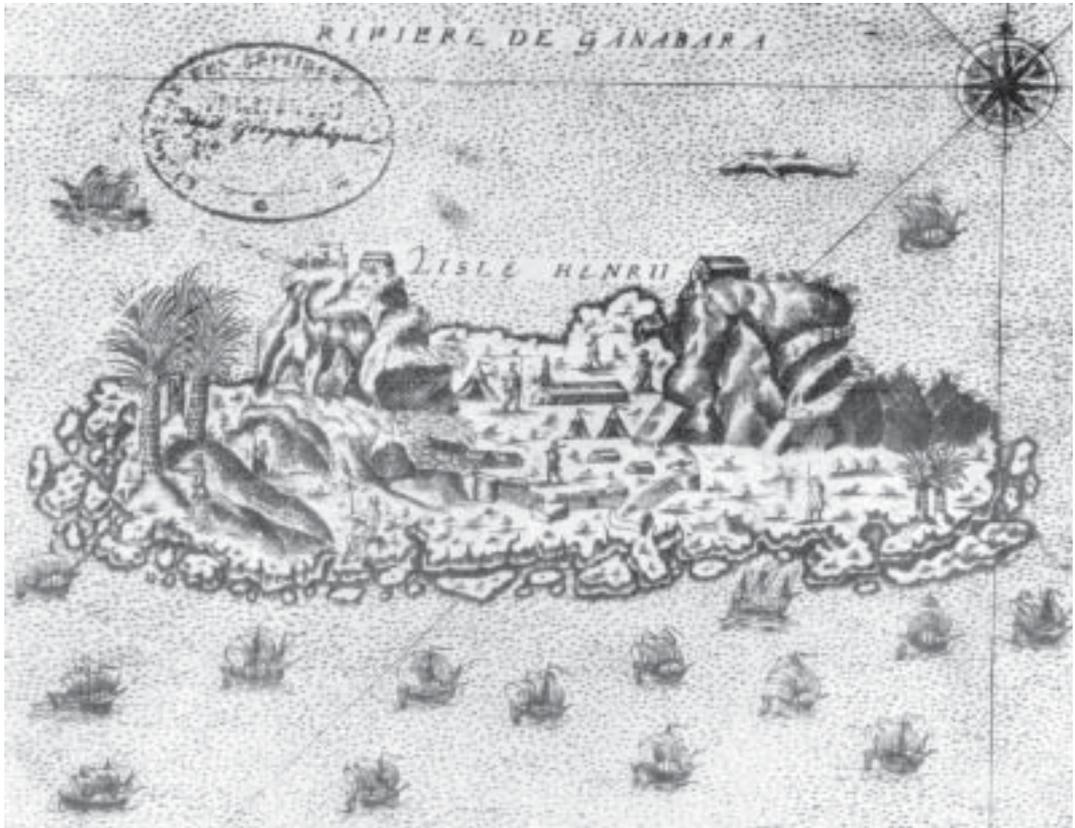


FIGURA 1 - Rivière de Ganabara – Lisle Henr II
FONTE: FERREZ, 1972, prancha nº 1.

Este desenho da Ilha de Villegagnon (FIG.1) também está de acordo com a descrição feita pelo pastor calvinista Jean de Léry, em sua obra *Histoire d'un Voyage Fait en la Terre du Brésil, Autrement Dite Amerique*, editada em 1578. Léry permaneceu em Villegagnon entre março de 1557 – quando chegou acompanhado de Bois-le-Comte, sobrinho de Villegagnon – e janeiro de 1558.

Mem de Sá, que assumiu o governo-geral da Colônia ao chegar a Salvador, em 1558, tomou conhecimento da presença francesa pelos relatos dos jesuítas. Solicitou ajuda a Lisboa, que considerou a gravi-

dade da situação e determinou o envio ao Brasil de uma frota comandada pelo Capitão-Mor Bartolomeu de Vasconcelos da Cunha. Com a chegada desta frota, o governador partiu de Salvador para o Rio de Janeiro. No caminho recebeu reforços de Ilhéus, Porto Seguro e Vitória. Sua armada estava composta de duas naus e oito embarcações menores. Na barra do Rio de Janeiro, que alcançou em 21 de fevereiro de 1560, ainda recebeu reforços da Capitania de São Vicente, vindos em um bergantim e várias canoas. O ataque aos franceses na Ilha de Villegagnon deu-se a 15 de março de 1560.

Após dois dias de intensos combates, os franceses comandados por Bois-le-Comte – o Almirante Villegagnon já havia partido para a França –, sem munição e água suficientes para resistir, abandonaram a ilha ao cair da noite junto com seus aliados tamoios.

Com a fuga dos franceses, Mem de Sá desembarcou em Villegagnon, recolheu a artilharia abandonada no local e ordenou a destruição do Forte Coligny.

Os franceses só foram definitivamente expulsos do Rio de Janeiro em janeiro de 1567.

Uma descrição de 1631 da Ilha de Villegagnon feita por João Teixeira Albernaz (FIG.2), cosmógrafo de sua majestade, contida em um mapa aquarelado¹ de sua autoria, relata em texto que se encontra à esquerda e no verso da folha do mapa que:

“... F) Ilha do virgalhão, não he effeito algu por ser mto. piquena e incapas de se cultivar por ser quase toda deprada viva. Estivera nella antigam.¹⁶ quando se conquistou esta cidade sitiados os Franceses com oseu Capitão Mor de virgalhão dequem tomou onome.”²

João Teixeira Albernaz ainda confeccionou outro atlas, manuscrito e aquarelado, em 1640, muito rico em informações e composto por 32 cartas, no qual o Rio de Janeiro aparece na carta *A Baía de Guanabara e Arredores* (FIG.3). Nesta carta, as Ilhas da Lage e de Villegagnon são retratadas sem nenhuma indicação de construções. Passados mais de 70 anos da destruição do Forte Coligny, os portugueses não haviam construído nenhuma outra fortificação na Ilha de Villegagnon.

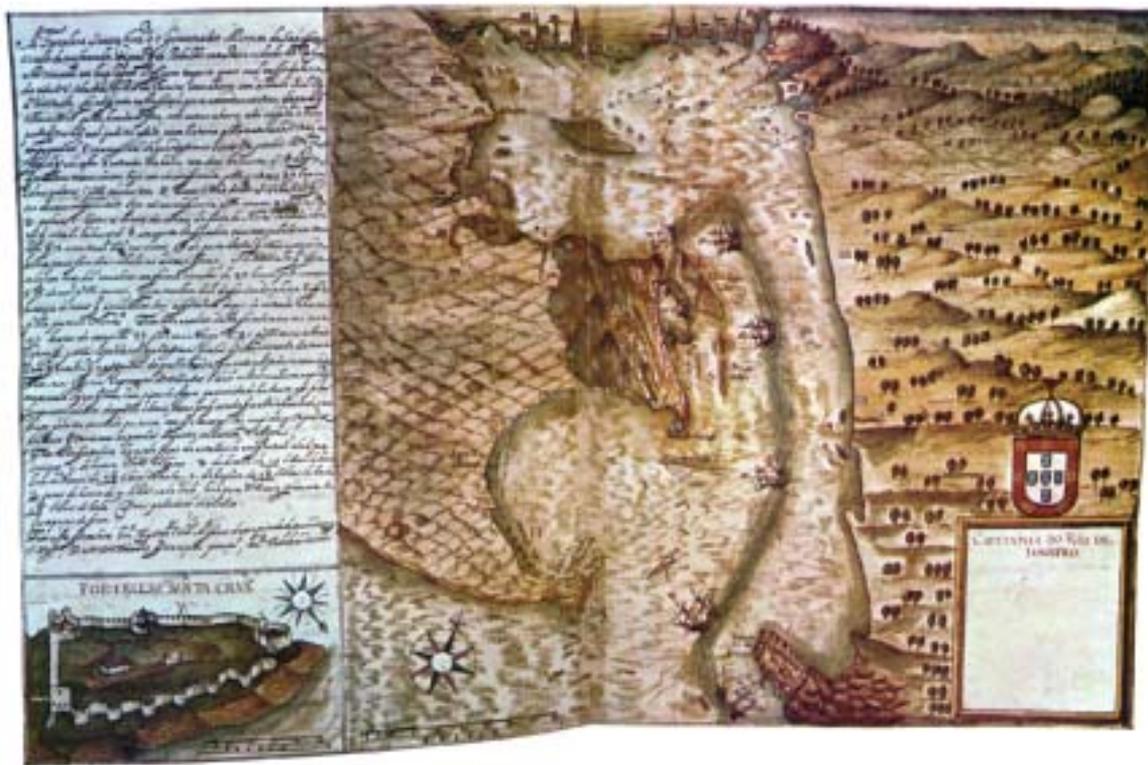


FIGURA 2 - Mapa aquarelado de João Teixeira Albernaz, 1631
FONTE: FERREZ, 1972, prancha nº 6.

⁽¹⁾ Pertencente à coleção da Mapoteca do Itamaraty.

⁽²⁾ FERREZ, Gilberto. *O Rio de Janeiro e a defesa de seu porto 1555 – 1800*. Serviço de Documentação da Marinha, Rio de Janeiro, 1972, p. 12–13.

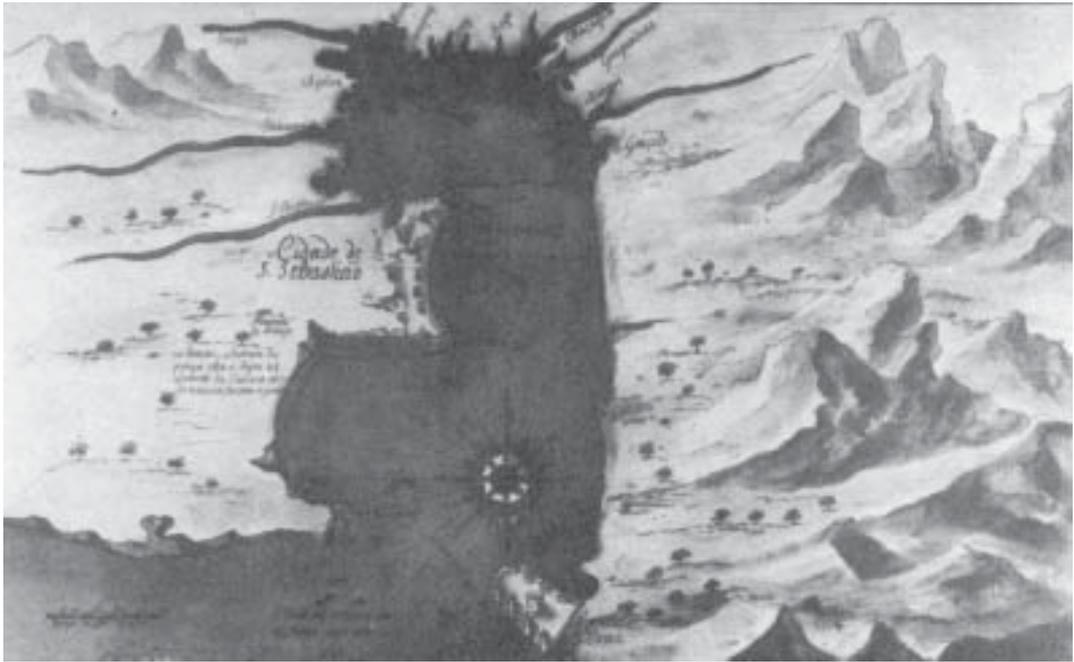


FIGURA 3 - Carta da Baía de Guanabara e arredores de João Teixeira Albernaz – 1640
FONTE: FERREZ, 1972, prancha nº 8.

Em 1649, o Engenheiro-Militar Michel de L'Escolle foi enviado pelo Rei de Portugal ao Brasil com a missão de fortificar a cidade do Rio de Janeiro. Contou com a ajuda do Engenheiro-Major de sua Majestade Philip de Quitan, que veio de Salvador por ordem do Governador Antônio Telles de Menezes, o Conde de Pouca.

Os engenheiros enviaram uma carta a Portugal, datada de 20 de abril de 1649, assinada por ambos, relatando o que aqui encontraram e o que deveria ser feito de mais urgente para fortificar a cidade, concluindo ainda que seria de melhor proveito reaparelhar e melhorar as condições das fortalezas existentes, a tentar construir uma fortaleza na Ilha da Lage, como gostaria o Governador Duarte Corrêa Vasqueanes (1648-1650).

Em 19 de maio de 1649, L'Escolle e Quitan enviaram outra carta a Portugal, contendo uma planta geral da cidade do Rio de Janeiro, acompanhada de um projeto de defesa da cidade, no qual em um dos relatórios diziam que

“...ha Islha do Virgalhão será necessário aplanar os dois ouiteiros redondos que ella tem em suas pontas E na Ponta

senalada R, despoes de arrazadas se podrá edificar o fortinho que nella está figurada de sinquos Baluartos que Peira Estorvar a Entrada dos navios será de grande effeito por ficar este outeiro bem em o meyo da Carera da Entrada E sayda, o outeiro que está na otra Ponta tambem se arrazará E lhe farão a redouta S, peira varegar o Espasso que fico entre Ella E a Praya da Carioca, E também peira Estorvar que o Inimigo não ha ocupa Peira com Ella fazer danno ao fortinho R ...”³.

Conforme demonstrado neste documento, que faz parte do acervo do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa, ainda não havia sido construída uma fortificação na Ilha de Villegagnon até a primeira metade do século XVII.

Conforme cita Gilberto Ferrez em sua obra *O Rio de Janeiro e a defesa de seu porto 1555-1800*, o Livro do Tombo do Colégio dos Jesuítas no Rio de Janeiro, importante documento pertencente à Biblioteca Nacional, achado e transcrito pelo Frei D. Hilário, reforça o pensamento de que nenhuma benfeitoria fora realizada na ilha imediatamente após a expulsão dos invasores franceses. Conforme esta do-

³ Op. cit. p.164.

cumentação, a Ilha de Villegagnon foi dada em sesmaria a Antônio Carvalho e solicitada pelo Provedor da Fazenda de Sua Alteza na cidade, Antônio de Maris, em 16 de junho de 1569, para construir uma ermida de N. Sra. das Neves e por estar “*ainda sem nenhuma bemfeitoria pêra aproveitar...*” (*Tombo do Colégio*, fls. 48v). A ilha foi mais tarde, em 1677, herdada por Dona Isabel, que a deixou de herança ao Colégio dos Padres da Cia. (*Tombo do Colégio*, fls. 49 v).

Com a expulsão dos holandeses do Brasil, em 1654, diminuiu-se a preocupação de um ataque iminente ao Rio de Janeiro, fazendo naturalmente com que as obras de melhoramentos das fortificações ficassem em segundo plano ou caíssem no esquecimento. Um fato ocorrido em dezembro de 1695, porém, deixou a cidade em alerta.

Na entrada da barra apareceu uma Esquadra francesa, composta de seis navios, sob o comando de *Monsieur* de Gennes. Os fortes da barra fizeram vários tiros de advertência com seus canhões, chegando a atingi-los. Os franceses, então, solicitaram ao Governador Sebastião de Castro e Caldas permissão para atravessarem a barra. A solicitação foi aceita, porém, só foi autorizada a entrada de três navios. Enquanto estiveram na cidade, os fortes de São João e Santa Cruz ficaram de prontidão.

Encontrava-se a bordo de um dos navios franceses o engenheiro François Froger, que confeccionou um mapa da Baía de Guanabara e uma vista panorâmica da cidade, além de deixar observações interessantes na sua obra clássica *Relation d'un Voyage fait em 1695, 1696 et 1697 aux Cotes d'Afrique, Detroit de Magellan, Brezil*, Paris, 1699. Segundo o relato de Froger, o governador se achava tão inseguro que chamou todos os habitantes num raio de quatro léguas e, assim que os franceses zarparam, mandou construir um “*forte*”, próximo à cidade, na Ilha de Villegagnon. Na realidade, o que fez o Governador Castro e Caldas foi mandar instalar uma bateria de canhões em uma das pontas da Ilha de Villegagnon, que, devido ao seu curto governo (1695-1697), continuou a ser instalada no governo seguinte.

Este acontecimento serviu para que as autoridades e população voltassem a se preocupar com a questão da segurança e da necessidade premente de fortificar a cidade.

Em 20 de agosto de 1702, o Governador D. Álvaro da Silveira e Albuquerque (1702-1704) enviou a Portugal carta intitulada *Relação do Estado em q achei as Fortificações do Rio de Janeyro neste anno de 1702*. Neste documento, pertencente ao acervo do Arquivo Histórico Ultramarino, o governador, dentre vários outros assuntos, relatou como estava fortificada a Ilha de Villegagnon:

“*Na ilha do Virgalan achei hua Bateria de q este anno se fez continuada de outra mais antiga esta capaz de 5 ~ peça , e aqella de 16 e não tem no Rio de Janeyro hoje fortaleza mais capaz, nem mais importante p.ª a defesa da entrada da barra, a qual está já com 16 ~ peças montadas, e m.º bem preparada para qualquer ocasião q se oferecer: nella se fica fazendo armazém para, e quartéis p.ª os Soldados, e se lhe podem por seis peças de artilheria.*”⁴

Em um relatório datado de 1704, sem assinatura, documento pertencente ao Arquivo Histórico Ultramarino – Catálogo de Eduardo de Castro e Almeida nº 2.765 –, no qual consta a relação de quantas fortalezas tinha o porto do Rio de Janeiro e suas respectivas peças de artilharia, encontramos a informação de que a “Fortaleza de virgalhão” possuía 16 peças de canhões montadas e mais três que se poderia montar.

Em 17 de agosto de 1710, o corsário francês Capitão-de-Fragata Jean François Duclerc tentou forçar com seis navios a entrada da barra do Rio de Janeiro. Nesta época, Portugal estava em guerra contra a França e a Espanha por não aceitar Felipe V, pretendente francês, para suceder Carlos II no trono espanhol. Após trocar vários tiros com a Fortaleza de Santa Cruz, Duclerc desistiu de forçar a entrada da barra e resolveu desembarcar em Guaratiba de onde partiu em direção à cidade, atingindo-a pelos arrabaldes de Engenho Velho, Catumbi e Mata Cavalos (atual Rua Riachuelo). Encontrou resistências partidas

⁴) Ibid., p. 201

dos Morros do Desterro (hoje de Santa Teresa) e do Castelo. Alcançou, sempre muito combatido, o Largo do Carmo (atual Praça 15 de Novembro), encurralou-se no trapiche da Rua Direita (atual Primeiro de Março) e, após ter sofrido grande número de baixas em sua tropa, foi finalmente derrotado e preso. Meses depois, já quase em liberdade, Duclerc foi misteriosamente assassinado.

Em 12 de setembro de 1711, numa manhã chuvosa e nevoenta, e com pretexto de vingar a morte de Duclerc, mas com real interesse na pilhagem, outro oficial e corsário francês, René Duguay-Trouin, forçou a entrada da barra da cidade do Rio de Janeiro com seus 17 navios e a transpôs. As baterias montadas na Ilha de Villegagnon, que contavam 20 peças, das quais duas de calibre 56, responderam ao fogo dos navios franceses, quando, não se sabe o motivo, teve seu paiol de pólvora destruído por uma explosão. Apesar da resistência, a cidade foi invadida e saqueada e, para não ser totalmente arrasada, pagou pesado tributo.

Os franceses deixaram a cidade no dia 13 de novembro do mesmo ano, com seus navios abarrotados, tal o sucesso do saque. Acreditamos que se já existisse em Villegagnon uma fortaleza em plena condição de combate, dada a sua posição estratégica, a sorte dos franceses não teria sido a mesma.

Estas invasões sofridas pela colônia e os prejuízos advindos de tais fatos levaram Portugal a enviar ao Brasil, a partir do século XVIII, oficiais engenheiros militares de alto gabarito para tratarem de maneira mais eficiente de nossas defesas. O engenheiro militar francês João Massé foi o primeiro deles, com a incumbência de planificar as fortificações das principais praças do Brasil.

Sobre a Ilha de Villegagnon, em seu relatório datado de maio de 1714, João Massé concluiu que as baterias instaladas encontravam-se em ótimo sítio, necessitando, porém, igualar-se o terreno por dentro e engrossar os parapeitos até 12 ou 15 palmos.

Em 1718, o Governador do Rio de Janeiro, Antônio de Brito Freire de Menezes (1717-1719), em comunicado enviado ao Rei de Portugal, versando sobre as fortificações e seus respectivos armamentos, relatou que a Ilha de Villegagnon estava armada com 20 canhões.

Podemos observar uma planta do Forte de Villegagnon (Figura 4), em 1730, confeccionada pelo cartógrafo e padre jesuíta Diogo Soares, na qual vemos indicado um dos morros da ilha, situado no centro o forte. Na planta existe a informação de que o forte possuía um total de 17 canhões de ferro⁵.

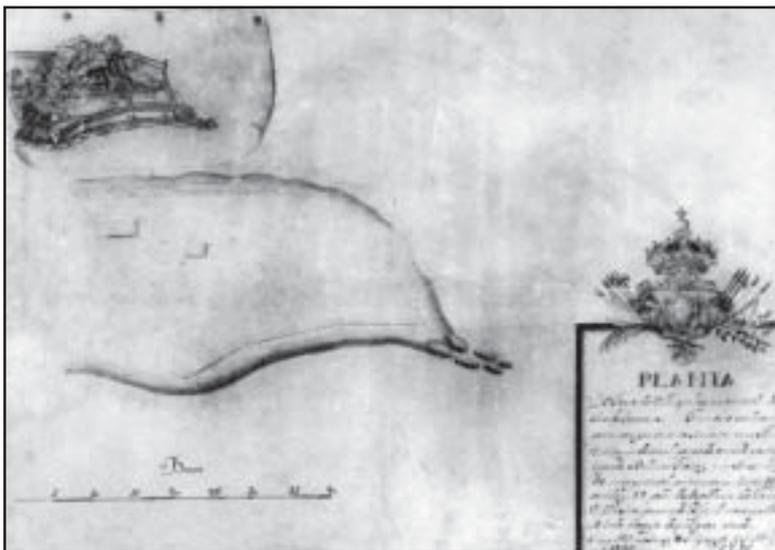


FIGURA 4 - Planta do Forte de Villegagnon – Padre Diogo Soares – 1730
FONTE: FERREZ, 1972, prancha nº 32.

⁵ Planta que faz parte do acervo do Patrimônio do Exército.

Construções históricas da Ilha de Villegagnon

Em 1733, tomou posse o Governador Gomes Freire de Andrade, o Conde de Bobadela, que durante sua administração (1733-1763) dispensou especial atenção aos assuntos ligados à defesa da cidade. Dentre outras providências, mandou arrasar o Monte das Palmeiras, na Ilha de Villegagnon, ganhando espaço sobre o mar e construir um forte que batizou com o nome de São Francisco Xavier. Na construção desse forte foram empregados 50 quilombolas submetidos em Goiás.

Em 1763, assumiu o cargo de Vice-Rei Dom Antônio Álvares da Cunha (1763-1767), o Conde da Cunha, com a nova sede do governo transferida de Salvador para o Rio de Janeiro, pelo Secretário de Estado de D. José I, Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal.

Assim que chegou, o Conde da Cunha iniciou a realização de inspeções nas fortalezas cariocas. Em relatório que remeteu a Portugal, comunicou a necessidade premente de reformas nas muralhas e realização de reparos na artilharia das fortalezas.

Por determinação do Marquês de Pombal, o Marechal-de-Campo do Corpo de Engenheiros Dom Miguel Ângelo Blasco fez, em 1767, um relatório sobre as fortificações

da cidade do Rio de Janeiro. Esse relatório assim se referiu à Ilha de Villegagnon:

*“A sua fortificação [de Villegaignon] na ponta do Norte era defeituosa por pequena porque um alto penhasco que lhe era imediato não lhe deu maior lugar porém o Exmo. Snr. Conde de Bobadela concebeu contra a expectação quase com suma felicidade e pouca despesa o grande projeto de aplainar tão alto monte de pedras. Concluída era prodigiosa obra que sem lisonja pode considerar-se como uma dos antigos Romanos...”*⁶

No ano 1767, Portugal decidiu criar no Rio de Janeiro uma tropa de forças regulares, disciplinadas e organizadas nos moldes das do Reino, onde Pombal reorganizara o Exército de Portugal com a ajuda do Conde de Lippe. Para a tarefa no Brasil, o Tenente-General alemão João Henrique de Böhm foi nomeado e enviado como general-em-chefe das tropas. Ele veio acompanhado do Brigadeiro João Jacques Funck, nomeado Chefe do Corpo de Engenheiros e Artilharia, além dos engenheiros Coronel José Custódio de Sá Faria e Francisco João Roscio.

No mesmo ano, o Brigadeiro Engenheiro Jacques Funck apresentou ao Conde da Cunha a proposta de criação de uma fortaleza para Ilha de Villegagnon (Figura 5).

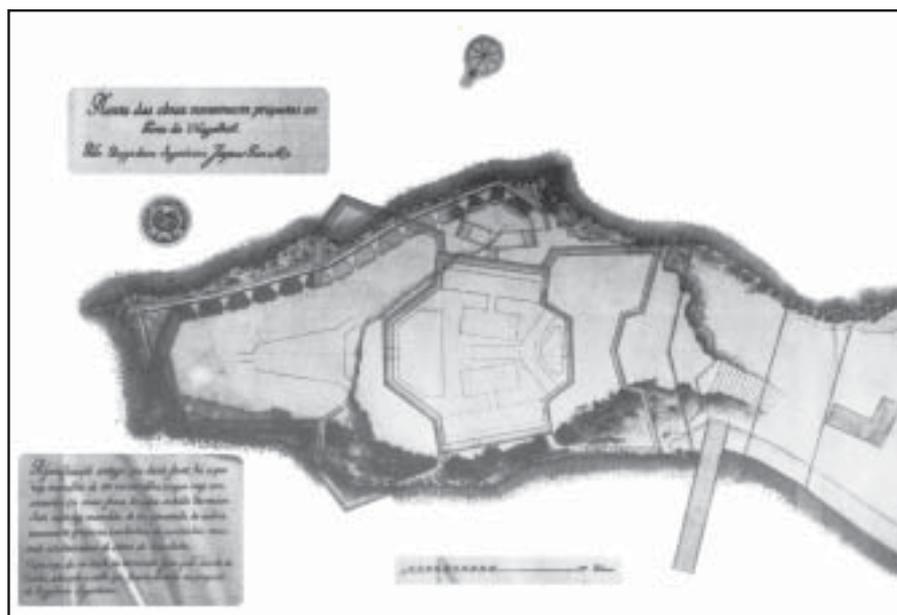


FIGURA 5 - Projeto do Brigadeiro Engenheiro Jacques Funck para o Forte de Villegagnon – 1767
FONTE: FERREZ, 1972, prancha nº 45.

⁶ FERREZ, Gilberto. *O Rio de Janeiro e a defesa de seu porto 1555-1800*. Serviço de Documentação da Marinha, Rio de Janeiro, 1972, p.91.

Na planta das obras novamente proposta pelo Brigadeiro Jacques Funck ao Conde da Cunha para o Forte de Villegagnon (apresentada na imagem da página anterior) lemos à esquerda a seguinte informação:

“A fortificação antiga que deve ficar, hé a que vay marcada de cor encarnada, [a parte mais escura] e a que vay com a mesma cor mais fraca, he a que se há de desmanchar; a que vay marcada de cor amarela [entre os dois tons e sobreposta], he a obra novamente proposta e as linhas de

pontinhos, mostram o subterrâneo desima do Cavaleiro. O que vay de cor verde, he immenda feita pelo Conde da Cunha sobre a obra velha, que ficava servindo no projecto do Brigadeiro Ingeheiro.”⁷

A 17 de novembro de 1767, assumiu o Vice-Rei D. Antônio Rolim de Moura (1767-1769), o Conde de Azambuja, que muitas críticas fez ao seu antecessor no que se refere às condições em que encontrou as fortalezas. Em relação a Villegagnon, percorreu sobre a necessidade de concluir o desbastamento do Morro das Palmeiras, o qual o Conde de Bobadela muito desbastou e que depois, dando continuidade, lhe diminuira de 40 palmos o Conde da Cunha.

Em 4 de novembro de 1769, assumiu o Vice-Reinado D. Luiz de Almeida Portugal Soares de Alarcão d’Eça Melo Silva e Mascarenhas (1769-1779), o segundo Marquês do Lavradio. Preocupado em melhorar a defesa da cidade, o novo vice-rei pediu a três engenheiros militares (Brigadeiro João Jacques Funck, Coronel José Custódio de Sá Faria e Capitão Francisco João Roscio) que elaborassem, individualmente, um plano de defesa para a cidade.

Os projetos do Coronel Faria e do Capitão Roscio propunham defender toda a cidade por terra, desde a praia de Santa Luzia até o Valonguinho, por uma muralha com fosso e redutos nos morros mais próximos, a fim de tornar impraticável o assalto pelo interior.



FIGURA 6 - Planta da Fortaleza de Villegagnon – Jacques Funck, 1769. Mapoteca do SDM
FONTE: FERREZ, 1972, prancha nº 50.

⁷ Op. Cit. Estampa 45.

Construções históricas da Ilha de Villegagnon

O projeto do Brigadeiro Jacques Funck propunha uma defesa global da cidade propriamente dita e da entrada da barra. Ao tratar de Villegagnon, mostrou a presença dos dois montículos que, apesar dos esforços de Bobadela e do Conde da Cunha, ainda existiam e que recomendou serem totalmente arrasados.

Os projetos apresentados pelos engenheiros eram complexos, demorados e dispendiosos, o que não correspondia ao que o vice-rei tinha proposto, pois em vista da premência do tempo e da escassez de recursos financeiros necessitava de projetos mais realistas.

Na FIG.6, temos uma planta na qual o Brigadeiro Jacques Funck retrata como se encontrava a Ilha de Villegagnon em 1769. As duas letras b indicam os dois montículos que apesar do esforço do Conde de Bobadela e do Conde da Cunha ainda não estavam totalmente arrasados.

Não obstante as diversas dificuldades, entre elas a sempre escassez de recursos, foram realizados em Villegagnon pequenos reparos em suas instalações no ano de 1772.

Somente em 1775 é que, por ordem do Marquês do Lavradio, com projeto idealizado pelo Brigadeiro Engenheiro Jacques

Funck, foi iniciada a construção de uma fortaleza na Ilha de Villegagnon que foi batizada pelo marquês com nome de Nossa Senhora da Conceição de Villegagnon.

Conforme o relatório de 1781, de Jacques Funck, a fortaleza ficou:

“de forma que a sua antiga Bateria foi fechada da banda da Ilha, com polígono do comprimento de 70 braças, que forma dois meios baluartes e uma cortina e que se junta na parte de Leste e do Oeste por outras muralhas novas, as da antiga bateria, e no meio deste forte foi construído um Cavaleiro de 30 palmos alto, com repartimentos por baixo dele, tudo junto em huma figura a mais irregular, o que se pode ver pela planta aqui junta, marcada X e Y. ”⁸

A fortaleza foi construída na parte mais elevada da ilha onde antes fora construído o Forte de São Francisco Xavier. O acesso à fortaleza era feito por um túnel de aproximadamente 15 metros de extensão, onde ficavam localizados os quartéis e as prisões subterrâneas. O túnel possuía na extremidade exterior um portão que isolava a fortaleza da parte baixa da ilha. A capela de N. Senhora da Conceição ficava no centro da fortaleza, acima do castelo de aproximadamente cinco metros.

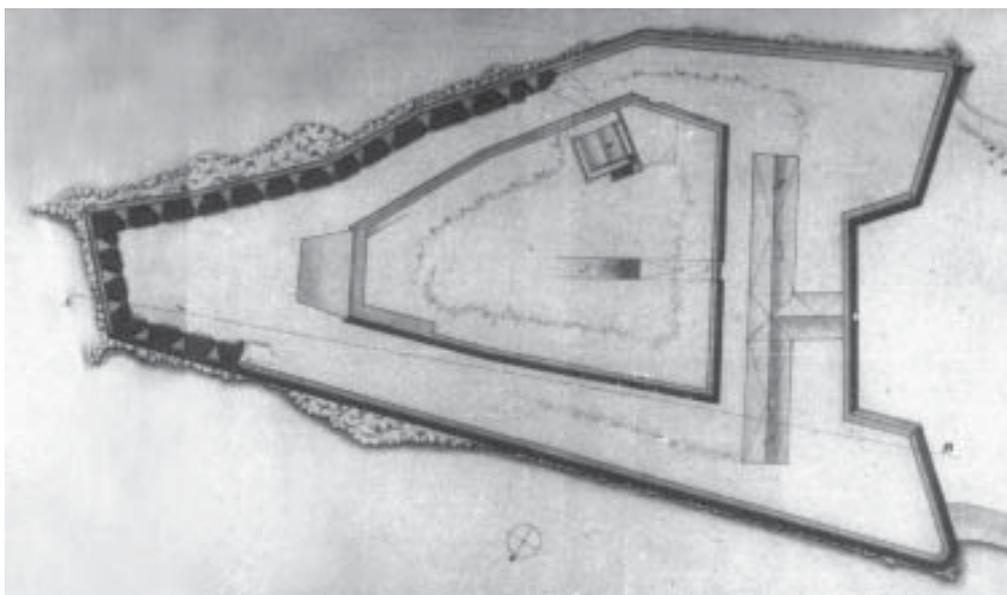


FIGURA 7 - Planta da parte superior do Forte de Villegagnon – Jacques Funck, 1781
FONTE: FERREZ, 1972, prancha nº 59.

⁽⁸⁾ Idem. p.107.

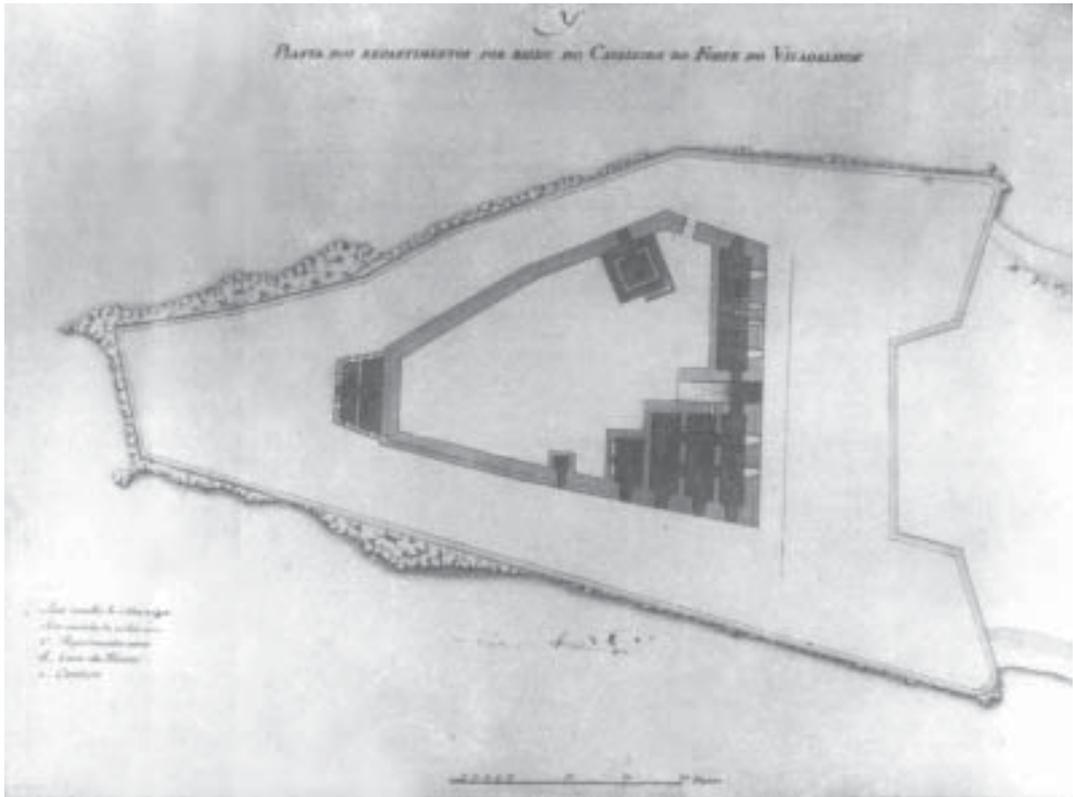


FIGURA 8 - Planta da parte inferior do Forte de Villegagnon – Jacques Funck, 1781
FONTE: FERREZ, 1972, prancha nº 60.

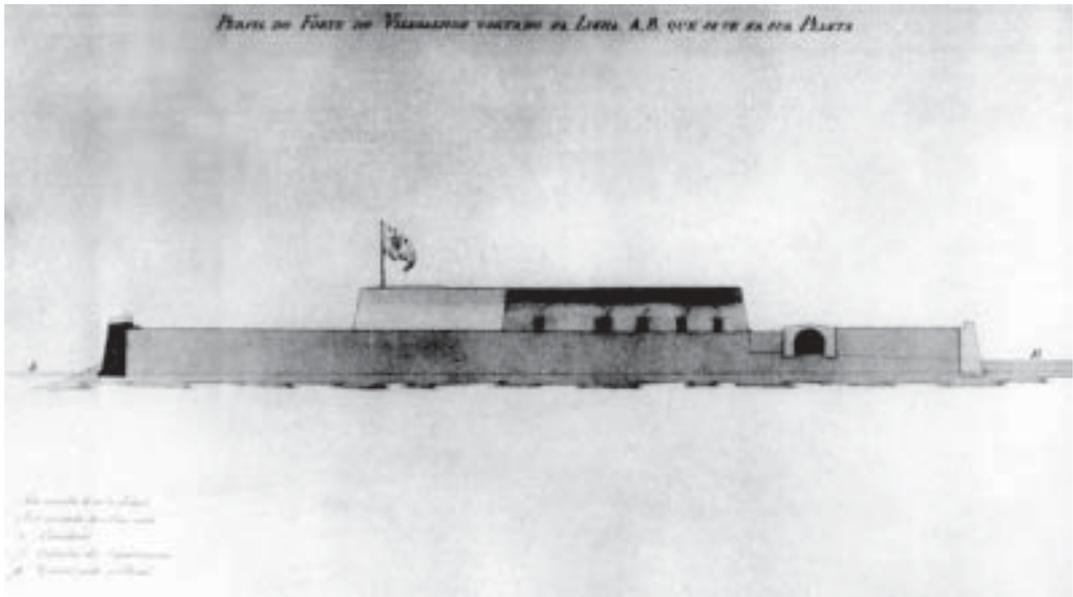


FIGURA 9 - Planta com perfil da Fortaleza de Villegagnon – Jacques Funck, 1781
FONTE: FERREZ, 1972, prancha nº 61.

No relatório que fez o Marquês do Lavradio, datado de 19 de junho de 1779, ao entregar o governo ao seu sucessor, Luís de Vasconcelos e Sousa (1779-1790), depois Conde de Figueiró, podemos ter uma idéia das condições em que se encontrava a Ilha de Villegagnon e as obras de melhorias que foram realizadas:

“Ao mesmo tempo passei a fortificar a ilha de Villegaignon, onde não havia mais que um pequeno e mal construído reduto, dentro do qual não se tinha feito logar para recolher quatro barris de pólvora: esta estava em um mau talhado da ilha, fora dos muros do reduto; alli estavam também umas casas de pau a pique e telha vã, que servia de armazem para recolher as munições, e de quartéis para tropa, as quaes ainda V.Exc. as verá, observando que os que estão mais bem construídos são os que fiz de novo, para poderem servir em quanto se não acabaram os da fortaleza. Era aquella ilha cheia de serra com bastante altura, umas de pedra, outras de piçarro, e algumas de terra, as quaes encobriam a maior parte das praias da ilha que ficava da banda de terra, de sorte que o inimigo podia desembarcar, sem que o reduto lhe pudesse fazer danno, e fazer-se senhor de todos os armazéns, quartéis e munições sem ser praticável nenhuma resistência, o que bastaria para se entregar o reduto, sem custar ao inimigo o trabalho de um tiro de espingarda. Mandeí arrazar todas aquellas serras, puxei a fortaleza áquella extensão e regularidade que devêra ter, construí dentro della os quartéis e armazéns corpos da guarda, deposito de pólvora, e tudo mais de que ella precisava; separei a fortaleza por um fosso, ou abertura que lhe fiz; este ainda não se acha de todo construído, assim como a cisterna, em que actualmnte se trabalha. Esta mesma fortaleza ainda precisa do beneficio de V.Exce., porque os parapeitos não estão acabados, e falta-lhe algumas outras pequenas cousas, que dentro em muito breve tempo se podem concluir.”⁹

Depois da Independência, em 1822, a Ilha de Villegagnon passou a pertencer ao Ministé-

rio da Marinha e, em 3 de dezembro de 1843, passou a abrigar o Corpo de Imperiais Marinheiros, criado em 1836, aquartelado na Charua *Dezesseis de Março* e na Corveta *Liberal*.

Para a realização de exercícios para marinhagem, foram instalados dois mastros, em 1844, na ponta da ponte e construída uma bateria de madeira imitando um costado de navio, com quatro peças para realização de exercícios iguais aos realizados a bordo. Sob a direção de uma comissão criada por aviso de 6 de setembro do corrente ano, foi construída outra bateria, semelhante à primeira, para serem montados canhões de grosso calibre, bem como o canhão Paixhans.¹⁰

Na Ilha de Villegagnon também existia montada uma oficina de espingardeiro e serralheiro, a qual não só se destinou a consertar o armamento do corpo, mas muito do que estava quase inutilizado nos armazéns da Marinha.

Conforme a relação dos próprios nacionais, anexa ao relatório do Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha, de 1864, assim foram descritas as edificações construídas na Ilha de Villegagnon:

“1 Fortaleza composta de duas muralhas, alta e baixa, de 36 guaritas, 39 canhoneiras, duas cisternas, um tanque de cantaria, uma casa forte para o paiol da pólvora, quartéis e uma prisão. 1 capella de paredes mestras com sacristia ao lado, dentro da fortaleza de Willegagnon. É onde se celebra os actos religiosos. 1 casa térrea fora da fortaleza. É a residência do commandante do corpo de imperiais marinheiros. Concessão gratuita. 1 dita. Idem. Reside n’ella o 2º commandante do dito corpo. Concessão gratuita. 1 dita. Fora da fortaleza. Existe n’ella a oficina de serralheiros do mesmo corpo. 1 talheiro sobre pilaraes. Próximo a praia. Serve de depósito dos tanques d’água.” Três casas fora da fortaleza ocupadas pelo corpo de imperiais marinheiros. “1 talheiro de paredes de tijolos. Junto a muralha da fortaleza. 1 casa térrea. Junto ao portão da fortaleza. Serve de cozinha do corpo.”

⁹ Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vol. 4, págs. 426-27.

¹⁰ Canhão francês projetado para uso contra navios de madeira, sendo seus projéteis explosivos conhecidos genericamente como granadas.



FIGURA 10 - Vista da Baía de Guanabara tomada da Ilha de Villegagnon – August Müller
FONTE: BRASIL, 1982, p. 38.

Em 1876, foram inauguradas, na presença da Princesa Imperial Regente, as obras de melhoramentos que foram introduzidos na ilha, dentre elas destacou-se o revestimento de pedra da grande muralha externa. Foi colocada também uma coluna, tendo na parte superior um florão e uma coroa que repousava num pedestal em cujas quatro faces achava-se gravado do lado norte: *Inaugurado no ano de 1876*; – do lado do poente: *Ao General Salvador José Maciel criador do Corpo de Il Mmos, em 1836*; – do lado sul: *Tributo de reconhecimento da corporação armada*; – do lado nascente: *Ao Senador Visconde de Albuquerque, criador da 1ª Companhia de Aprendizes Marinheiros em 1840*.¹¹

Em 12 de abril de 1870, foi mandado construir um grande edifício de pedra e cal com cinco faces, que passou a ser ocupado pelo segundo comandante, oficiais, secretarias, enfermaria, boticas e os pavimentos térreos por diversos depósitos, paiol de fardamento e moradia de inferiores. A obra custou cento e quarenta contos de réis, valor que consta do contrato assinado por Arnaud & Delmilhac.

Em 1893, eclodiu a Revolta da Armada, sendo a fortaleza completamente arrasada (Figura 11). Mesmo em situação precária, a Fortaleza de Villegagnon continuou a sediar o Quartel do Corpo de Marinheiros Nacionais (designação que recebeu após o advento da República em 1889).

⁽¹¹⁾ SCAVARDA, Levi. A Marinha através dos tempos. In: *Revista Marítima Brasileira*, 3º trimestre, 1956.



FIGURA 11 - Imagem da Fortaleza de Villegagnon na Revolta da Armada, 1893
FONTE: Arquivo do SDM

Em 1903, a iluminação na Ilha de Villegagnon já estava sendo feita por meio de eletricidade e algumas obras de melhoria foram realizadas, inclusive com recursos do próprio Corpo de Marinheiros Nacionais.

Nos anos seguintes, os relatórios dos ministros da Marinha alertaram as autoridades para as condições ruins em que se encontravam as instalações da ilha, havendo a necessidade premente de construções de prédios, principalmente para alojar o pessoal. O Almirante Alexandrino Faria de Alencar, Ministro da Marinha em 1908, sugeriu em relatório ao Presidente da República a transferência do Corpo de Marinheiros Nacionais para a Ilha das Enxadas e a construção em Villegagnon de um edifício adequado destinado a abrigar a Escola Naval.

Por meio do Decreto nº 22.844, de 21 de junho de 1933, foi autorizada pelo governo a

abertura de um crédito no valor de oito mil contos de réis, destinado a despesas previstas com a construção das dependências da Escola Naval em novo local. Essa autorização não foi aproveitada no referido ano, sendo revalidada por mais dois anos pelo Decreto nº 24.323, de 1º de junho de 1934.

Em 1935, após estudos realizados, a Ilha de Villegagnon foi escolhida como local ideal para abrigar os prédios da Escola Naval.

Em 4 de outubro de 1934, o Contra-Almirante Carlos Augusto Gaston Lavigne, Diretor-Geral do Pessoal, fez a entrega da Ilha de Villegagnon à firma Raja Gabaglia & Companhia, vencedora da concorrência pública para construção do edifício, pelo total de sete mil contos de réis (Figuras 12 e 13).

Com o início das obras, o Corpo de Marinheiros Nacionais foi transferido para uma sede provisória, sendo utilizado como instalações o

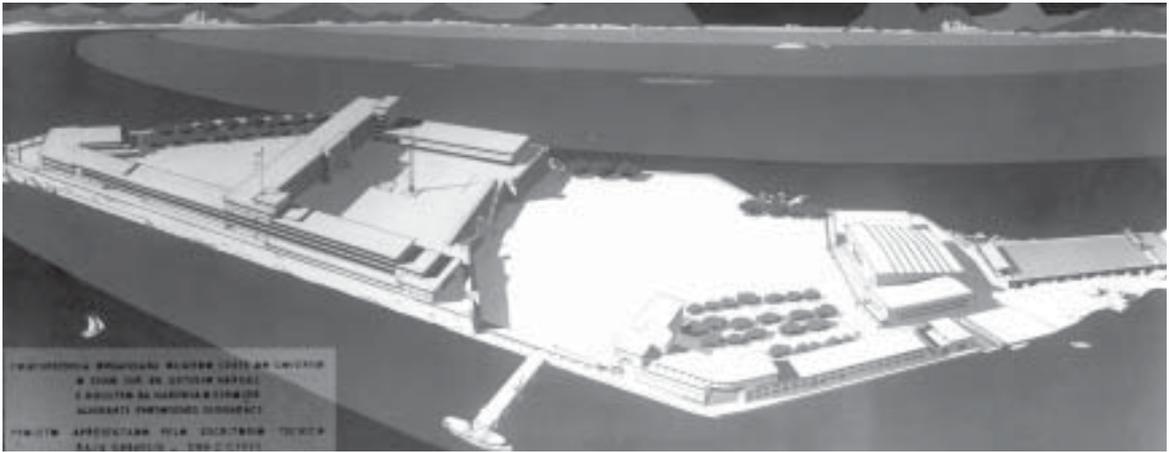


FIGURA 12 - Projeto apresentado pela firma Raja Gabaglia para construção da Escola Naval
FONTE: Arquivo do SDM.



FIGURA 13 - Projeto apresentado pela firma Raja Gabaglia para construção da Escola Naval
FONTE: Arquivo do SDM.

Cruzador *Barroso*,¹² para alojamento do pessoal, e parte do edifício da patromoria do Arsenal de Marinha, para os serviços de administração.

Segundo Levi Scavarda em "A Marinha através do tempo" (In: *Revista Marítima Brasileira*, terceiro trimestre, 1956), durante as obras de construção das novas instalações procurou-se respeitar e realçar a parte histórica da ilha, conservando intacto seu contorno e deixando as muralhas mais livres, o que, além de emprestar às novas edificações um aspecto "monumental", serviria aos futuros oficiais como

uma recordação constante dos episódios vividos em nossa história.

A escola ficou localizada na parte mais alta onde ficava a antiga fortaleza. Na parte mais baixa foi conservada e aumentada a praça de manobras e de atletismo.

A comunicação entre os edifícios da administração e a escola era feita através do túnel histórico (atualmente preservado) que dava acesso à antiga fortaleza, construída em 1775, onde em frente foi colocado o núcleo de Esportes e Solenidades.

(12) Conhecido como o "Palheta de Ouro" nas rodas marítimas, teve baixa por Aviso Ministerial de 28 de julho de 1931.



*FIGURA 14 - Vista aérea da Ilha de Villegagnon durante obras de construção da Escola Naval
FONTE: Arquivo do SDM.*



*FIGURA 15 - Entrada do túnel histórico da antiga Fortaleza de Villegagnon
FONTE: Arquivo do SDM.*

As novas instalações da Escola Naval foram inauguradas solenemente no dia 11 de junho de 1938, ato que contou com a presença do Ministro da Marinha na época, Almirante Henrique Aristides Guilhem, fazendo-se presente também o Presidente da República, Getúlio Vargas.

A Ilha de Villegagnon conserva até os dias atuais o nome do almirante que tentou instalar em terras brasileiras um núcleo de colonização francesa, tentativa que se transfor-

mou no combustível que moveu os portugueses a fundarem a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em 1^a de março de 1565.

É impossível contar a história desta cidade sem primeiro começar com a da pequenina Ilha de Seregipe dos tupinambás, Palmeiras dos portugueses, Henrique II dos franceses e Villegagnon de todos nós brasileiros, estando atualmente presenteadada com a nobre missão de ostentar a mais antiga instituição de ensino superior do Brasil.



FIGURA 15 - Vista da Ilha de Villegagnon com as atuais instalações da Escola Naval
FONTE: Arquivo do SDM.

FONTES

DOCUMENTAIS

BRASIL. Ministério da Marinha. *Relatório dos Ministros da Marinha de 1825 a 1938*. Serviço de Documentação da Marinha, Rio de Janeiro.

BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Cultura. Museu Nacional de Belas Artes. *150 anos de pintura de Marinha na história da arte brasileira*. Rio de Janeiro, 1982.

CASTRO, Adler Homero F. de; BITTENCOURT, José Neves. *Armas: Ferramentas da paz e da guerra*. Rio de Janeiro; Bibliex, 1991.

FERREIRA, Arnaldo Medeiros. Fortificações portuguesas no Brasil, as sentinelas da Guanabara. In *Revista do Exército Brasileiro*, Vol. 140 – 1^a Quadrimestre, 2003.

FERREZ, Gilberto. *O Rio de Janeiro e a defesa de seu porto 1555-1800*. Serviço de Documentação da Marinha, Rio de Janeiro, 1972.

FRANÇA, Mário Ferreira. A Fortaleza de Villegagnon. Separata da *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, número 9. Rio de Janeiro, 1952.

HISTÓRIA Naval Brasileira. Serviço de Documentação da Marinha, Vol. 1, Tomo II. Rio de Janeiro, 1975.

NORONHA, Antonio Henrique Osório. *Fortificações construídas pelos portugueses no Brasil*, Companhia editora Gráfica Barbero, 1982.

NUNES, Antônio Duarte. Almanaque histórico da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. In *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo XXI, 1858.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO DO BRASIL. *Memórias do descobrimento e fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*. Tomo XXVII, Rio de Janeiro, 1864.

_____. *Reparos e anotações sobre a barra do Rio de Janeiro, suas fortalezas e defensas*, Tomo XXXIII, Rio de Janeiro, 1870.

SCARVADA, Levy. A Marinha através dos Tempos. In *Revista Marítima Brasileira*. Terceiro trimestre, Rio de Janeiro, 1956.

SOUZA, Augusto Fausto. Fortificações no Brasil. In *Revista do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil*, tomo XLVIII. Rio de Janeiro, 1885.

VIANA, Hélio. *História do Brasil*. Melhoramentos, São Paulo, 1994.